
mais nada, e fundamentalmente, um praticante das relações internacionais e um dos mais promissores representantes da diplomacia brasileira. Almeida sabe do que está falando e, mesmo escrevendo como um acadêmico, o conteúdo expressa o conhecimento de um profissional do ramo.

Marco Bavaglio

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Formação da diplomacia econômica no Brasil:** as relações econômicas internacionais do Império. São Paulo: Editora Senac-Funag. 2001, 675 p. ISBN: 85-7359-210-9.

Globalização, patentes, OMC e aviões brasileiros são alguns dos temas com crescente aparição nos meios de comunicação. Este fato já seria suficiente para que o leitor voltasse sua curiosidade para estes assuntos. Ainda, se considerarmos que a compreensão destes tópicos é essencial para um melhor posicionamento do Brasil em um contexto de crescente internacionalização das sociedades, será fácil concluir que todo esforço na criação de uma opinião pública melhor informada deva ser bem recebido. A publicação de **Formação da diplomacia econômica no Brasil** – as relações econômicas internacionais no Império de Paulo Roberto de Almeida é uma dessas tentativas.

Edição conjunta da Editora SENAC e FUNAG (Fundação Alexandre de Gusmão), este livro é o primeiro de uma projetada trilogia que pretende avançar o estudo do tema até o presente. Apesar disso, verifica-se que este primeiro volume editado em 2001 é um livro que se auto-sustenta tanto em conteúdo como pela suas quase 680 páginas.

Apesar de sua leitura demandar algum conhecimento da história imperial brasileira, o aparecimento desta obra ajuda a reforçar a importância de alguns dos temas de política externa e interna que ainda estão à espera de solução pela sociedade brasileira. Ao buscar sistematizar o conhecimento sobre as relações econômicas internacionais do período que vai da transferência da corte portuguesa até o final do império, o autor harmoniza seu discurso ao de Caio Prado Junior, considerando que os problemas atuais da nação já estavam definidos há 150 anos. A nós, leitores constrangidos, cabe concluir que nossa sociedade vem adiando a solução e mesmo o enfrentamento de muitos dos problemas apresentados pelo autor.

Paulo Roberto de Almeida escreve com a vontade de suprir a lacuna deixada pelos manuais disponíveis de história diplomática e de relações internacionais do Brasil que, pela sua ótica, deixam “de lado, ou abordam perfunctoriamente, os fatores econômicos e materiais que poderiam explicar alguns aspectos da estrutura, das modalidades e das motivações da política externa durante o império.” Ressalva,

no entanto, a qualidade dos estudos acadêmicos especializados referentes ao tema, corroborando o pensamento de Sombra Saraiva que considera a Argentina e o Brasil como os países da América do Sul que possuem abordagens sistemáticas e de qualidade da história das relações internacionais.

Assim, apesar de Almeida não ser um acadêmico *stricto sensu*, a produção deste “espectador engajado” (tomando emprestado o conceito de Raymond Aron) contribui para o enriquecimento desta tradição de pesquisa. Expliquemos este “engajamento” do autor: Paulo Roberto de Almeida possui já consistente produção na área das relações internacionais, com destaque para investigações sobre o Mercosul e o desenvolvimento do multilateralismo econômico contemporâneo. Paulista, graduado em Ciências Sociais e doutor pela Universidade de Bruxelas, Almeida ingressa na carreira diplomática em 1977 e hoje ocupa o cargo de Ministro-Conselheiro da Embaixada do Brasil em Washington. Daí sua dupla faceta: pensador e executor da política externa nacional.

Tributário que é da escola francesa, Almeida buscará em sua interpretação histórica não a linha evolutiva dos acontecimentos, mas antes os nexos dos fatos, as permanências e rupturas dos processos e a busca das “causas profundas” dos acontecimentos. Assim é que ele persegue os fundamentos da diplomacia econômica no e, nem sempre do, Brasil. Não esperem os leitores o desfile de datas em uma linha cronológica evolutiva, pois o esforço do ensaio é a busca de uma síntese explicativa destes fundamentos que informam nossas relações econômicas internacionais percebidos em suas permanências e descontinuidades. Justifica-se tal abordagem, pois “é difícil, senão impossível, compreender as posições assumidas pelo Brasil, nos dias de hoje, em diferentes foros regionais e multilaterais, sem um retorno ao início do século XIX, quando estavam sendo forjados os fundamentos de sua moderna diplomacia econômica”(Lafer).

Almeida, entretanto, antes de buscar respostas, preocupa-se em bem perguntar. Diz Kant que a razão deve pesquisar a natureza “não como um aluno, que presta atenção a tudo o que seu mestre decide contar-lhe, mas como um juiz, que obriga a testemunha a responder-lhe todas as perguntas que ele mesmo ache apropriadas a seu fim”. Podemos dizer que Paulo Roberto de Almeida foi um bom aluno e fez perguntas essenciais para a compreensão da atuação do corpo burocrático brasileiro responsável pela incipiente política externa brasileira imperial. Suas conclusões, ainda que necessariamente impressionistas, poderiam resvalar no corporativismo ao denotarem posições como estas: “O estado brasileiro imperial, em especial sua diplomacia, conseguiu ser mais avançado do que a sociedade que ele era suposto representar” ou “...uma simples comparação internacional, ainda que perfunctória, revelará certamente o caráter distintivo, isto é, para melhor, da diplomacia econômica do Brasil no século XIX”.

Mas, talvez tendo em vista a lição de E. H. Carr, Almeida entende que o “pensamento maduro combina objetivo com observação e análise”. Por isso ele

busca sustentar seus argumentos com ampla pesquisa documental primária (relatórios anuais da antiga Repartição dos Negócios Estrangeiros) ao mesmo tempo em que dialoga com vasta bibliografia secundária e apresenta anexos com cronologias, tabelas estatísticas e quadros analíticos que ajudam na compreensão e enriquecem o texto. Cabe ao leitor dialogar com este material e criar sua impressão do papel de nossa diplomacia.

Enfim, sendo o desejo o pai do pensamento, esta obra é o resultado da necessidade prática do diplomata em analisar sua atuação no presente. Sua trama alcança o passado e leva o autor à conclusão de que os momentos de continuidade da Política Externa suplantam os de ruptura. Sintetiza o pesquisador diplomata: “No caso da agenda modernizadora do Brasil, a carroça colonial convive com o moderno carro importado e o país tem de, na palavra de um de seus diplomatas, resolver ao mesmo tempo um problema de dengue e outro de informática”. Quase profético.

Túlio S. H. Ferreira

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 617 p. ISBN: 85-359-0224-4.

A 7 de dezembro de 1864, o diplomata Edward Thornton, representante britânico na Argentina e Paraguai, escreveu ao chanceler paraguaio José Berges uma carta que comprova o desinteresse da Grã-Bretanha na eclosão de uma guerra entre o Paraguai e seus vizinhos. No documento, Thornton afirma textualmente: “V.E. sabe que a Inglaterra também está em atritos com o Brasil, de modo que tanto por esse motivo, como pela falta de instruções de meu governo, não poderia fazer nada de oficial com seu governo; mas particularmente sim, se puder servir, no mínimo que seja, para contribuir para a reconciliação dos dois países, espero que V.E. não hesite em me utilizar”.

A disposição do representante britânico de colaborar para evitar o conflito entre Brasil e Paraguai é uma das muitas surpresas guardadas na obra do historiador Francisco Doratioto, que desfaz um dos maiores mitos a respeito da Guerra do Paraguai: o de uma guerra que teria sido provocada pelos interesses “imperialistas” britânicos. Construído inicialmente pelo revisionismo histórico paraguaio, a valorização da figura de Solano López chegou ao paroxismo no final dos anos 1960, quando intelectuais nacionalistas e de esquerda o elevaram à condição de líder antiimperialista. Uma geração inteira de brasileiros concluiu seus estudos secundários e mesmo de nível superior acreditando que o Paraguai alcançou um bom nível de desenvolvimento após a independência, possuía um projeto autônomo e equilibrado de crescimento e que foi destruído pela Tríplice Aliança, por representar